

Luana Frigulha Guisso
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES 5

**Teoria e prática em educação,
ciência e tecnologia**

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 5:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2023

Dialogos interdisciplinares 5: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2023, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Curso

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Instituição

Centro Universitário Vale do Cricaré - UNIVC

Projeto gráfico e editoração

Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação

Ilvan Filho

1ª edição

DOI: 10.29327/5189674

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D537	Diálogos interdisciplinares 5: teoria e prática em educação, ciência e tecnologia / organização Ivana Esteves Passos de Oliveira, Luana Frigulha Guisso. - Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2023. - 333 p. : il. foto. color. ; 24 cm. ISBN 978-85-92647-97-1 1. Educação. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de. II. Guisso, Luana Frigulha. CDD – 370
------	--

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

Apresentação

A concretização do imaginado, consubstanciado em métodos analíticos do pesquisador. Eis que se delineia a quinta edição do e-book *Diálogos Interdisciplinares – teoria e prática em educação, ciência e tecnologia*, um compilado de artigos produzidos pelos alunos e seus orientadores no curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC).

Em mais essa edição podemos evidenciar a emancipação de mestrands, por meio da relação docente-discente, o professor, investido como orientador e revestido da missão de educador e emancipador do sujeito em interlocução. Uma relação prenunciada em Paulo Freire, como de construção e expansão mútua, constituído em uma espécie de “poder envolvente”.

A edição de número 5 traz como conteúdo pesquisas que abarcam a educação infantil e suas estratégias lúdicas, a importância do acompanhamento do pedagogo no ensino e aprendizagem, as práticas pedagógicas da educação quilombola, jogos pedagógicos, entre outras pesquisas que nos levam a refletir sobre nosso meio e também sobre o nosso cotidiano.

Cada um dos artigos evidencia a inquietação e a preocupação dos alunos e professores em promover debates a partir da realidade educacional, em vertentes e ambientes diversos. Com um percurso metodológico e uma revisão teórica singulares, discentes e docentes manejam o conhecimento para adentrar de maneira peculiar e singular o empreendimento de pesquisar o campo de estudo, tecendo, um caminho próprio de argumentação no processo de intervenção nas realidades escolhidas como contexto de estudo.

Em cada locus está o convite ao olhar ímpar de cada pesquisador, como no perscrutar das estratégias lúdicas em processos de ensino e aprendizagem, na habilidade de ensinar e aprender em um centro de Educação Infantil, na busca de marcas de cidadania e inclusão de estudantes com Síndrome de Down, nas práticas pedagógicas em uma comunidade Quilombola em que se analisou particularidades multiculturais, na aplicação do uso de jogos pedagógicos e seus benefícios para o letramento.

Ou ainda, procurando marcas autoridade para conter a indisciplina na escola. Ou no uso de metodologias ativas em sala de aula, no ensino de frações,

em práticas pedagógicas direcionadas ao EJA, nos hábitos alimentares no ambiente escolar, e, até mesmo, nas questões de estudos climáticos, em pesquisas sobre esportes; como o vôlei como prática esportiva, mediante a aplicação de técnicas determinadas.

A diversidade de olhares se apresenta nesse e-book nas investigações e fundamentações teóricas, e na parceria entre educando e educador, traduzindo-se uma obra que nos faz refletir de forma abrangente. Desse modo, convidamos você a participar desta coletânea de artigos.

Um grande abraço,

Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Sumário

ESTRATÉGIAS LÚDICAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	10
Andressilda Graça Santos Benevides e Nilda da Silva Pereira	
A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO DO PEDAGOGO NO ENSINO APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PRESIDENTE KENNEDY/ES	31
Angelita Alves Almeida e Luciana Moura	
ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO BÁSICA	63
Brunela Lima Borges e Márcia Araújo de Araújo	
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO CMEI BEM ME QUER: AVANÇOS E DESAFIOS	88
Cristina Pereira Baiense e Márcia Araújo de Araújo	
JOGOS PEDAGÓGICOS: UM ESTUDO SOBRE SEUS BENEFÍCIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	100
Dalvina Costa Fontana e Sônia Maria da Costa Barreto	
INDISCIPLINA ESCOLAR: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DO 5º ANO ENSINO FUNDAMENTAL DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	116
Delcenir Porto Costalonga e Luana Frigulha Guisso	

APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003 NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL 1 DAS ESCOLAS QUILOMBOLAS JIBOIA E ORCI BATALHA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES	137
Katia de Souza Merence	
FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA	155
Kêmeron Chagas dos Reis Almeida e Pablo Ornelas Rosa	
QUALIDADE NUTRICIONAL E ACEITABILIDADE DA MERENDA ESCOLAR NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	185
Lívia França Costa e Luciana Barbosa Firmes Marinato	
O PLANEJAMENTO ESCOLAR PARA O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA SALA DE AULA	204
Marcela de Orequio Fernandes Machado e Sara Dousseau Arantes	
ENSINO HÍBRIDO: UM ESTUDO QUANTITATIVO SOBRE A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA 2002-2021	225
Marcelo Silva Bolzan e Anilton Salles Garcia	
O ENSINO DE FRAÇÕES PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES – 6º ANO	238
Neila Alves Moreira dos Santos e André Luis Lima Nogueira	
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE CONTRIBUEM PARA A PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SÉRIES FINAIS DA EMEF “BOM SUCESSO” MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS - ES	251
Rita de Cássia Machado Gambarine e André Luis Lima Nogueira	

ESTRATÉGIAS DE LEITURA COMO RECURSO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	271
Silvana Aparecida Faria Santos e Luciana Teles Moura	
A IMPORTÂNCIA DOS BONS HÁBITOS ALIMENTARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	290
Vilma Alves Ramos Talyuli e Daniel Rodrigues da Silva	
APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS DO VÔLEI DE PRAIA NO MUNICÍPIO DE MARATAÍZES-ES – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INFLUÊNCIA CLIMÁTICA	310
Weverton Santos de Oliveira e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES	327

INDISCIPLINA ESCOLAR: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DO 5º ANO ENSINO FUNDAMENTAL DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Delcenir Porto Costalonga
Luana Frigulha Guisso

1. INTRODUÇÃO

A educação brasileira se depara com problemas diversificados que exigem solução rápida para construir um ambiente escolar saudável e que possibilite proporcionar aos alunos uma aprendizagem de qualidade. O comportamento indisciplinado do aluno em sala de aula interfere no desempenho escolar, na transmissão do conhecimento e nas relações interpessoais entre aluno-professores. A indisciplina escolar não é uma temática recente no campo acadêmico. Para Aquino (1998, p. 25) a indisciplina configura um problema “interdisciplinar e transversal à pedagogia, ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico, devendo ser tratada pelo maior número de áreas das ciências da educação”.

Pesquisas realizadas mostram questões relevantes para a educação, para a família e para a escola, com expectativas de que em sala de aula predomine um clima de tolerância, calma e harmonia para que os alunos tenham e sejam cientes de seus valores e seu comportamento haja em sintonia com eles. O problema de pesquisa investiga: Como a indisciplina escolar é compreendida por professores do 5º ano da EMEIEF “São Paulo”, do município de Presidente Kennedy-ES?

O objetivo deste artigo é compreender como os professores do 5º ano do ensino fundamental da Escola do Campo EMEIF “São Paulo” do município de Presidente Kennedy-ES entendem a indisciplina escolar. Tomou-se como base de referência teórica os autores Antunes (2017), Aquino (1998) e Vasconcellos (2013), com complementação de outros estudiosos do assunto.

Algumas questões importantes relacionadas à indisciplina escola em sala de aula partem da variação de significados e conceitos, comumente entendida como ‘ultrapassar limites’ na qual, em determinados momentos, a presença do professor é ignorada. Na educação, a indisciplina em sala de aula ainda tem como pressuposto a percepção social dos professores acerca do tema no ambiente escolar. Nas escolas é preciso levar em conta a indisciplina como uma questão que deve ser pensada e como uma construção social que ocorre a partir da interação professor-aluno (ANTUNES, 2017; VASCONCELLOS, 2013).

O comportamento indisciplinado do aluno em sala implica em muitas questões que podem ser de origem do ambiente familiar, em suas relações sociais, desatenção, desinteresse pelos conteúdos e também a partir das estratégias, técnicas em todos os meios de ensino. Pesquisar esse tema se fez necessário considerando que muitas crianças apresentam comportamento indisciplinado por razões que precisam ser identificadas, analisadas e discutidas junto a problemas que enfrentam esse tipo de problema de relevância social, acadêmica e profissional.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A característica da metodologia utilizada foi um estudo de caso, com abordagem qualitativa, porque segundo Gil (2017, p. 58) possibilita ao pesquisador “[...] explorar situações reais cujos limites não estão claramente definidos, preservar o caráter unitário do objeto de estudo, descrever a situação do contexto, formular hipóteses ou desenvolver teorias [...]”.

A investigação foi executada em duas fases: Grupo Focal realizado via WhatsApp, em dois encontros realizados realizado via WhatsApp, no mês de outubro de 2021 para a coleta de dados. Segundo Gatti (2012, p. 41) permite ao pesquisador “[...] compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais e práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes [...]”; estudo de caso.

Foram sujeitos da pesquisa o professor regente e docentes de área: Ensino Religioso e Educação Física que atuam em turmas do 5º ano, da Escola do Campo EMEIEF “São Paulo” da rede municipal de Presidente Kennedy-ES.

A coleta de dados se deu por meio de pesquisa bibliográfica, no estudo de caso foi aplicado um questionário semiestruturado, com dez questões abertas e Grupo Focal. Os dados foram tratados pelo método qualitativo de acordo com Richardson (2008, p. 69) trata-se de uma tentativa de “compreender detalhadamente dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os resultados e discussão optou-se por apresentar as informações obtidas pelo estudo de caso porque as narrativas obtidas foram mais amplas e com análise mais detalhada e profunda. Disciplinar a criança e seu comportamento parte da família e é aprimorado pela escola. Alguns aspectos estão associados à indisciplina são a desorganização do caderno escolar, agitação e barulho em sala de aula, bagunça, etc. em termos pedagógicos, Vasconcellos (2013, p. 23) afirma que a indisciplina é “como organização do ambiente de trabalho escolar, comportamento, postura, atitude. Antagonismo, hostilidade, desinteresse, divergências e perturbações são adjetivos que caracterizam [...]”.

Como os professores compreendem a indisciplina escolar, temos:

P1 Regente: Sempre fez parte da história da educação, é compreendida como violação, desobediência às regras relacionadas a determinado espaço ou situação, na escola às regras educacionais.

P2 ER: Descumprimento das normas fixadas pela escola, problema de comportamento, precisa ser superado e devemos considerar outras dimensões além da comportamental.

P3 EF: Trata-se de um comportamento que deve receber os devidos cuidados por parte do professor, algumas vezes são ações voluntárias,

com intuito de atrapalhar a aula e outras, alguma deficiência ou dificuldade involuntária do aluno. Nenhum aluno pode ser privado do aprendizado por indisciplina daquele não sabe o que está fazendo e muito o aluno que pratica a indisciplina.

Na correlação do entendimento dos professores acerca da indisciplina escolar como fator comportamental com a literatura, observou-se haver discordância em relação a concepção de Antunes (2017) que defende ser grande a probabilidade de as atitudes indisciplinadas resultarem do comportamento do professor que permanece acomodado, sentado em sua mesa à espera que o aluno vá até ele, mas esse contexto pode mudar se o docente sair do conforto de sua comodidade e ir até a carteira do aluno indisciplinado e atender a sua necessidade, o que possibilita que fique sentado e comportado.

Por outro lado, a compreensão dos professores é consoante com Vasconcellos (2013) que afirma ser a indisciplina a organização do ambiente de trabalho escolar, comportamento, postura, atitude e está associada à desmotivação, desrespeito, desequilíbrio.

A relação escola-família não representa, efetivamente, uma parceria e, em muitos casos, é perceptível a transferência de responsabilidade no que se refere ao aluno. Ocorre uma interpretação errônea, por parte da família, de que compete a escola educar, quando o objetivo da instituição de ensino é levar o conhecimento e formar cidadãos.

O entendimento de ser uma questão comportamental converge com a literatura de Oliveira (2005, p. 93) que ressalta que a maioria dos professores “interpreta a indisciplina a partir da leitura comportamental e expressões de barulho ou conversa assume essa expressão, contudo, não se pensa o silêncio como uma atitude indisciplinar”.

No que tange o descumprimento de normas e regras, La Taille (1998), Estrela (2002), Pereira (2004) são alguns autores que associam a indisciplina com

essa questão, mas ressaltam, de modo geral, a forma como o professor intervém indicará ou não a eficácia em construir um ambiente saudável em sala de aula.

Quanto às situações em que a indisciplina de apenas um aluno, as narrativas dos professores apontaram:

P1 Regente: Quando eu explico um conteúdo ou atividade e determinado aluno faz piada, um gracejo para desconcentrar a turma levando ao riso e a desordem.

P2 ER: No âmbito escolar algumas situações de indisciplinar escolar são notórias: falta de interesse nas aulas alunos que comparecem apenas por obrigação e não se envolvem nas atividades e tornam apáticos.

P3 EF: Acontece muito de não obedecerem às regras que permitem sua segurança, uma indisciplina que compromete a integridade física do aluno.

Momento da explicação de um conteúdo, desobediência a regras, falta de interesse dos alunos é um resultado consoante com Vasconcellos (2013) que considera elementos associados à indisciplina a desmotivação, desrespeito, desequilíbrio, e conflitos, por isso é necessário reavaliar, planejar e dialogar para que seja possível encontrar soluções. No entanto, diverge da literatura de Aquino (1998, p. 41) que aponta a relação do professor com o aluno, família e escola como um dos principais fatores “a contribuir com a indisciplina, pois estas questões nos levam considerar a indisciplina como um sintoma de outra ordem que não a estritamente escolar, mas que surte no interior da relação educativa”.

Sobre como abordar o aluno cometendo um ato indisciplinar, os professores são objetivos em suas ponderações:

P1 Regente: Converso olhando diretamente nos olhos de modo que perceba que está sendo inconveniente e que sua postura deve ser melhorada para ser bem sucedido em suas ações e rendimento escolar. Convido a participar mais efetivamente e responsável nas atividades para que se sinta valorizado.

P2 ER: Aconselho a analisar a real gravidade de cada problema e estabelecer critérios e níveis de disciplina. A falta de referência na hora de abordá-los pode gerar injustiças ou medidas excessivas. É necessário apoio da coordenação pedagógica e direção escolar para lidar com essa situação. Em tempo, haverá sempre diálogo com o professor, aluno, família e setor pedagógico.

P3 EF: Sempre com cautela ao abordar o aluno, se a indisciplina permanecer a abordagem é um pouco mais firme, sempre respeitando o aluno.

Os meios como os professores abordam o aluno em ações indisciplinares é condizente com o que demanda a literatura, sendo importante considerar as mudanças que ocorrem nas atitudes e posturas dos alunos em sala de aula. Como orienta Vasconcellos (2013, p. 24) é preciso que seja elaborado um trabalho “pedagógico de forma mediada, sistemática, intencional e coletiva, o docente que não apresenta domínio sobre a disciplina, não busca meios e instrumentos para construí-la em sala de aula ou trabalho pode ficar comprometido”.

Em se tratando do desempenho do aluno citado pelo P1 Regente, a indisciplina na escola, segundo Aquino (1998) também está relacionada ao rendimento escolar dos alunos e o fracasso no desempenho e rendimento leva a criança a investir muito em suas tarefas escolares e a desinteressar pela escola.

Junto a alunos com comportamento indisciplinar em sala de aula, Antunes (2017) faz um alerta acerca da atitude do professor que auxilia no controle do problema: possibilitar que a aquisição do conhecimento seja desenvolvida de modo democrático, nunca centrado no autoritarismo, pressão que interfere na autoestima do aluno, é preciso ações de enfrentamento à indisciplina, criar limites e resgatar o respeito. Essa estratégia deve também contribuir com a questão da dificuldade de aprendizagem que aluno apresenta em função do seu comportamento indisciplinado.

Mas, para saber se as dificuldades do aluno decorrem de seu comportamento indisciplinar que atrapalha a aprendizagem ou se decorrem da aprendizagem que compromete seu comportamento, a análise dos professores aponta:

P1 Regente: A escola sofre reflexos do meio em que está inserida. O problema disciplinar é, frequentemente, repercutido nos conflitos da família e do meio social. Por essa razão deve-se investigar a origem do problema para tentar saná-lo.

P2 ER: Sim, na maioria das vezes. As pessoas da família influenciam muito o comportamento, os pais são os primeiros educadores. Essas influências dos que, quotidianamente, tratam com os alunos refletem nos atos praticados por eles. A ação da família começa desde o berço, muito antes da escola. Tendo essa grande importância a ação familiar na tarefa educativa, reconhecida pela escola, nela impõe-se uma íntima colaboração que deverá significar ajuda mútua na consecução do ideal educativo.

P3 EF: Ambos.

Essas colocações como abordar o aluno no ato, ou seja, cometendo indisciplina, na concepção de Antunes (2017) mostram a importância do professor saber que esse problema não se resolve apenas com o cumprir as regras, exige a reflexão acerca de sua origem, ou seja, se decorre de uma didática desinteressante, da postura autoritária ou se está relacionada a falta de uma dinâmica na sala de aula.

Estudos indicam que as dificuldades de assimilação e desenvolvimento da aprendizagem, ressalta Aquino (1998) podem estar associadas aos problemas comportamentais em sala de aula, além disso, a maioria dos professores atribuem indisciplina escolar como culpa da educação que a criança recebe da família, eliminando a sua responsabilidade e participação nesse processo e transfere o problema para outra esfera, como ficou subtendido na narrativa do P2 ER.

Como enfatiza Alves (2006, p. 19) afirma “ninguém nasce predestinado a ser disciplinado ou indisciplinado. Alunos indisciplinados atormentam os professores e estes se preocupam apenas em transmitir os conteúdos e não em formar o cidadão para o futuro [...]”.

É interessante, como os docentes correlacionam a família nesse processo, sendo coerente com a concepção de La Taille (1998, p. 22) ao enfatizar que a indisciplina não se deve essencialmente a “falhas” psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa”.

Mas, existem meios com praticidade que auxiliam minimizar a indisciplina em sala de aula e/ou controlar a rebeldia dos alunos, como destacaram os professores em suas argumentações:

P1 Regente: Metodologia diversificada: trabalho efetivo em sala de aula. - Pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (crianças são sujeitos de direito) e art. 5º, Inciso I da Constituição Federal/88 (igualdade entre homens e mulheres, independentemente da idade, em direitos e obrigações) sendo as crianças e adolescentes também são sujeitos dos mesmos direitos e deveres e o primeiro deles é respeitar os direitos do próximo. Enfim: se formos justos, dar oportunidade de apresentar sua versão dos fatos e comprovada a infração e avisar que está recendo sansão disciplinar, dentro de um procedimento sério, acompanhado pelos pais/responsável as chances de alcançar os objetivos serão maiores, que se espera sejam eminentemente pedagógicos [...].

P2 ER: Sim, existem métodos e acredito que o correto seja buscar sanar e/ou equilibrar a indisciplina incentivando a cooperação, ou seja, esforçar para construir um clima escolar de qualidade no qual os estudantes sejam respeitados e aprendam a respeitar, traz recompensar: comportamento adequado porque todos têm consciência de seu papel na sala de aula e não por meio de castigos. Professores e gestores são vistos como figuras de autoridade moral e intelectual, capazes de negociações justas com os alunos, nunca autoritárias.

P3 EF: Para diminuir a indisciplina em sala de aula costumo fazer combinados antes do início das aulas, isto estimula a melhor participação dos alunos. A escola também faz.

As inquietações apresentadas pelos P1 R, P2 ER e P3 EF são contempladas em ações estratégicas que auxiliam a controlar, orientar e prevenir a indisciplina

em sala de aula, independentemente de ter origem comportamental ou não, Antunes (2017) apresenta algumas estratégias centradas em iniciativas que partem do professor: ser pontual com seus compromissos, o atraso é precedente que causa euforia, agitação, que acelera a passagem de conteúdo e reflete em perda de tempo em trabalhar a calma e buscar a disciplina; não fixar os olhos somente na lousa ao ministrar o conteúdo, mas estabelecer relação com os alunos, com toda a turma; manter a organização da sala de aula, assentos definidos e promover alterações em períodos intercalados ajuda a controlar a desordem que os alunos podem causar; com clareza e objetividade orientar a atividade, esclarecer dúvidas apresentadas pela turma gera segurança e autoconhecimento relacionado ao que o professor deseja alcançar.

A questão do direito e igualdade citada pelo P1 Regente encontra respaldo nas palavras de Mendes e Gomes (2010, p. 7) “trabalha a ética e a moral na educação vivendo-as, demonstrando-as aos alunos através dos nossos atos, postura, atitudes e valores nos quais acreditamos. Não se ensina moral e ética, vivencia-se”.

A pré-disposição do professor em minimizar e buscar alternativas para o problema é importante, assim como adotar métodos inovadores e modernos, mesmo se contradizendo quando se posiciona a favor da prática do silêncio. Esse resultado é consoante com a literatura de Pereira (2009, p. 24) ao afirmar que o comportamento “indisciplinar tem ligação com a ineficiência da prática pedagógica, currículos problemáticos e metodologias que subestimam a capacidade dos alunos, excesso de cobrança de postura [...]”.

O P2 ER relaciona como meio prático de controlar a indisciplina em sala de aula a recompensas que vão influenciar no comportamento. Aquino (1996), a criança, quase que obrigatoriamente aprenderá as novas regras da organização e terá de se comportar de acordo com as determinações dessas regras. Como o ser humano apresenta características e comportamento diferentes não é todo aluno que vai contemplar essa expectativa e nem agir em conformidade com essa regra de recompensa.

Em se tratando de castigos, ao se considerar a indisciplina um sintoma do comportamento individual tem, segundo Guirado (1997, p. 57), relação com o poder disciplinar se caracteriza através “da vigilância, sanção normalizadora e a combinação desses dois elementos através do exame, não há, portanto, necessidade de força bruta, castigos”, já que os comportamentos são registrados ou observados.

Mas, subtede-se que independentemente da idade, a questão de ética e moral é muito subjetiva e a criança não a concebe como as pessoas adultas, o que não significa não saber o que é certo ou errado, principalmente quando se viver na era da informação, com amplo acesso aos meios de comunicação que a tecnologia proporciona. É possível envolver o aluno indisciplinado no processo de ensino: como enfrentar esse desafio; se for indisciplinado não é envolvido na rotina; o que é enfrentar esse desafio? Na opinião dos professores:

P1 Regente: É possível e necessário, não existe regra, nem manual, é tarefa complicada e requer persistência. Estabelecer um combinado e algumas regras logo no início do ano letivo ajuda. Não há fórmula pronta de como lidar com alunos indisciplinados, desinteressados ou desobedientes, cada caso é um caso, o que funciona para um, pode não se aplicar ao outro.

P2 ER: Sim, é possível. A ação punitiva tende a piorar a situação, os alunos acabam se sentindo revoltados e incentivados a desobedecer ainda mais. Por estarem em período de desenvolvimento moral e social precisam saber e serem lembradas sobre regras de convívio de cada ambiente. Para cada atividade desenvolvida, uma tabela de recompensa por boas maneiras pode incentivar o aluno a participar e melhor, ter boas práticas durante a atividade. Os alunos perdem a atenção ou ficam desmotivados quando percebem que a aula não está interessante ou atraente, é preciso envolvê-los em atividades de descontração [...].

P3 EF: Não é fácil envolver o aluno indisciplinado no contexto das atividades escolares, porém, nas minhas aulas, por serem prazerosas, costumo combinar e cumprir, o que facilita a inserção do aluno.

Os professores consideram ser possível inserir o aluno indisciplinado no processo de ensino, além de ser necessário e isto é possível como destaca Tognetta e Vinha (2012, p. 3) se tomar a “prática, uma estratégia bem-sucedida para enfrentar e/ou reduzir a violência e indisciplina, desde que a gestão escolar seja comprometida com a formação de seus docentes e com o cotidiano de sua comunidade [...]”.

Em relação a castigos Parrat-Dayana (2012, p. 18), lembra que a questão da indisciplina “faz alusão à sanção e o castigo impostos quando não se obedece a regra. Portanto, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regra”, mas nas entrelinhas entende-se que esse não é o melhor caminho, como destacou em sua narrativa o P2 ER.

É importante destacar, de acordo com as falas dos professores que escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação levam ao comportamento indisciplinar do aluno. O trabalho mais importante que o professor precisa desenvolver juntos aos alunos é a motivação. No entanto, Aquino (1998) aponta a necessidade de desenvolver um processo que regule das relações pedagógicas que tenha em perspectiva inovações em termos de modelo em substituição aos métodos retrógrados tanto de ensinar quanto trabalhar a indisciplina.

Para Antunes (2017) envolver o aluno indisciplinado representa possibilidades de mudanças de comportamento e de clima em sala de aula, sem isolar a indisciplina dos demais problemas que atingem as instituições de ensino porque ela é um sintoma produzido pela própria escola, se levado em conta o conteúdo e/ou trabalho em sala de aula.

É importante frisar que o aluno é a intercessão que pertence à escola e família - e que numa interligação constroem o indivíduo concretizando sua formação. À escola cabe passar a educação formal, sistematizada; à família compete a educação geral, informal e assistemática. Mas, Como a metodologia de trabalho incentiva os alunos a manter a disciplina em sala de aula, organização para minimizar ou buscar resolver o problema? Em suas narrativas os professores destacaram:

P1 Regente: Combater o foco da indisciplina usando metodologia diversificada para desenvolver um trabalho efetivo em sala de aula.

P2 ER: Em relação as séries do primário decido regras mais importantes para transformar a sala de aula em um ambiente seguro e divertido. Elas guiarão o comportamento em diversas circunstâncias para que não seja necessário criar regras muito mais específicas. Desenvolver aulas atrativas, pois aluno concentrado não tem tempo para ser indisciplinado.

P3 EF: Com aulas prazerosas que estimulam a participação em conjunto, buscando destacar aquele que a completa, de forma disciplinar e respeitosa.

Para os professores, a indisciplina pode ser equilibrada a partir de metodologia diversificada que leva um trabalho efetivo em sala de aula, cooperação e fazer combinados antes do início das aulas. Piaget (1994, p. 31) destaca que “[...] a inserção da criança num meio de iguais, onde ocorre a cooperação, a reciprocidade, mais do que a coerção e o respeito unilateral”.

Aquino (1998) complementa que o comportamento indisciplinar do aluno é uma tortura para o professor que preocupado com a sua condição de simples transmissor de conteúdos e distanciamento da sua função de formar o cidadão, falta de condições para controlar esses alunos e/ou os problemas oriundos de uma sala de aula, relaxam de deixa que a bagunça aconteça.

A indisciplina escolar é uma questão que afeta toda a escola. Como a equipe escolar trabalha alunos com indisciplina escolar, há orientador ou conselheiro pedagógico, como a escola aborda e trata esses alunos e quem executa esse trabalho?

P1 Regente: O trabalho é conjunto e busca resgatar a ordem disciplinar e a dignidade do educando, não tenha um orientador disciplina, a pedagogia contribui nessa tarefa de comunicação com os alunos.

P2 ER: Buscando entender o contexto em que eles vivem e estabelecer uma relação e comunicação com ele e a família, professor. Aulas

dinâmicas e diversificadas, atividades práticas e coletivas, pois se tornam métodos que evitam distrações e possibilitam manter o foco do aluno no professor.

P3 EF: A minha escola costuma-se conversar o máximo possível com o aluno e a família.

Trabalho conjunto, entendimento do contexto em que os alunos vivem e diálogo para os professores pesquisados representam o trabalho da escola em relação a indisciplina, mas Aquino (1998, p. 40) destaca que para a escola, equipe pedagógica e professores a “indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, o manejo das correntes teóricas não conseguem propor imediatamente pois se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teóricas pedagógicas”.

Corroborando com esse entendimento, Antunes (2017) acrescenta que além dessas ações destinadas a trabalhar a indisciplina em sala de aula, o professor também pode proporcionar ao aluno com este tipo de comportamento um tratamento diferenciado, como por exemplo, estabelecer um diálogo desprovido de punição, mas claramente revelando o interesse em ajudar mudar as atitudes.

A conversa com a família, destacada pelo P3 EF é convergente com o entendimento de Chraim (2009, p. 45), ao enfatizar que a família precisa entender que “a aprendizagem começa na base familiar, os pais formam o caráter, valores, respeito pelas leis, hierarquia; agora, é a vida escolar que vai complementar esse crescimento, ao informar, transmitir conhecimentos, reforçando as responsabilidades sociais [...]”.

No caso da indisciplina e a rotina do dia-a-dia escolar, La Taille (1998), em sua análise é favorável que se fortaleça a aprendizagem e relação que ela estabelece com o saber por entender que a ação pedagógica no processo de construção de conhecimento não precisa ser silenciada, nem o professor ser exaltado à condição de detentor do saber.

Os professores foram questionados como trabalham a indisciplina escolar com os alunos e quais encaminhamentos, ao que responderam:

P1 Regente: Integrando esse aluno e tornando-o um colaborador, ajudante, dando responsabilidade para que se sinta útil no ambiente escolar.

P2 ER: Utiliza-se como método de tratamento o incentivo a cooperação, quando os alunos entendem que seu comportamento influencia no desempenho dos colegas e criam uma cultura de cooperação, questões disciplinares tendem a melhorar. Quando enxergam o professor como parceiro do processo de obtenção do conhecimento e vilão, a relação melhora e o impacto na sala de aula é positivo. Quanto o encaminhamento, casos de complexidade são levados ao setor pedagógico, a utilização da pedagogia afetiva é uma alternativa para lidar com a indisciplina a, pois valoriza a relação aluno-professor.

P3 EF: Tento resolver em minhas aulas, como professor de educação física e geralmente os alunos gostam dessa disciplina, consigo chamar a atenção de maneira que dê resultado.

Para os três professores atuar junto ao aluno indisciplinado em sala de aula requer a iniciativa de torná-lo um agente colaborador da aula, explorar métodos que estimulem a cooperação e apresentar uma aula atrativa.

Antunes (2017) respalda esses entendimentos ao destacar que os traços que tem relação com a indisciplina estão associados à etapa de evolução em que o aluno se encontra e, assim, manifestar agressividade, inquietação, comportamento que, em princípio se caracteriza como normais da idade, mas que devem ser minuciosamente observados e analisados.

O professor coordena o processo educativo e com meios fundamentados na autoridade democrática para criar, com os alunos espaços, pedagógicos interessantes e motivadores. Para isso, é preciso estabelecer uma boa comunicação necessária para que a aprendizagem. Aquino (1996) descreve que de acordo

com os docentes as práticas de ensino são comprometidas, em diversos casos, através da má conduta comportamental manifestada pelos alunos. Um estudante disciplinado não é aquele que fica em total silêncio, sem expor-se no espaço onde se busca a aprendizagem.

Quando não ocorre uma boa relação entre aluno e professor, na concepção de Justo (2010, p. 35) “esse cenário se deve ao fato de a instituição de ensino se espelhar nos problemas e tensões das de cunho econômico, social, político, emocional e afetivo [...]”.

Muitos fatores estão associados à indisciplina escolar e buscou-se saber dos professores se os pais são notificados sobre o comportamento indisciplinado do aluno, concorda que a indisciplina é reflexo dos problemas que a família possui e por quê?

P1 Regente: Não se faz esse trabalho sozinho, sem a parceria escola-família. Toda vez que o aluno ultrapassa seus limites é advertido por três vezes e se persistir os pais são convidados a se apresentarem na escola para uma conversa e estabelecer compromissos.

P2 ER: Sim, os pais serão notificados sobre o comportamento indisciplinado do aluno a depender do nível de indisciplina, todas as situações são informadas e acompanhadas pelo setor pedagógico.

P3 EF: Nem sempre a indisciplina reflete o que o aluno passa em casa, porém pode ter relação. As vezes falta de limite, em outras, apenas um comportamento inadequado apresentado em sala de aula em contato com crianças que levam a isso.

Nessa discussão, além de os professores destacarem que notificam a família sobre o comportamento indisciplinar do aluno em as de aula e tomar as medidas cabíveis em se tratando de orientar o aluno, o ponho central da concepção dos docentes faz referência à falta de limite dos alunos. Para Aquino (1996), a relação escola-família é um envolvimento necessário e pode significar uma educação bem sucedida, pois a escola não é o único ambiente no qual a criança aprende só na escola. A escola possibilita a criança a aprender, e essa aprendizagem precisa

ser estimulada e dispor de um ambiente favorável, na família a criança adquire modelos de comportamentos que acabam levando para a sala de aula. A escola, a família e os professores almejam que criança faça silêncio e nele permaneça.

Esse pensamento reflete a teoria de Paula e Silva; Silva e Salles (2012) de que no ambiente escolar, o comportamento indisciplinado do aluno tem relação com a falta de limite e é uma questão preocupante e envolve envolver pais, familiares, escola, comunidade e a sociedade no sentido de buscar alternativas.

Outro autor que reforça esse entendimento, ou seja, a falta de limites, é Antunes (2017, p. 25) ponderando que “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; não ensina e não educa quem não define limites, e não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido [...]”.

Com base nas narrativas dos professores ficou evidente que o lugar de destaque na sala de aula pertence ao professor, um meio de exposição para toda a turma e de acompanhamento de sua trajetória terá uma visão ampla dos alunos e dos movimentos que eles, por ventura, possam fazer. Para Vasconcellos, a não manifestação do aluno que não consegue se desenvolver na escola ou com comportamentos inadequados são considerados por professores atitudes indisciplinadas.

Como destaca Aquino (1998), em toda parte e em qualquer relação existe uma fonte de poder que controla os atos de rebeldia, contestação ou indisciplina e na maioria dos casos esse controle é exercido através de penalizações, tais como tempo, tarefas, modo de ser da criança, conversação em sala de aula, cuidados com o corpo da criança e sexualidade.

Como o ser humano apresenta características e comportamento diferentes, não é todo aluno que ao chegar à escola apresenta o comportamento esperado e em conformidade com as regras. Assim, em função deste comportamento, passa a ser visto como um aluno indisciplinado. Impossibilitada de colocar em prática um processo de socialização comportamental, a escola acaba possibilitando ao aluno ser indisciplinado.

4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como a indisciplina escolar é compreendida por professores do 5º ano da EMEIEF “São Paulo”, do município de Presidente Kennedy-ES. Observou-se que no ambiente escolar é preciso considerar a indisciplina uma questão a ser pensada como uma construção social se dá por meio da interação entre professor e aluno. Mas, para outros profissionais da educação, o comportamento indisciplinado do aluno em sala de aula ou na escola pode estar relacionado com a personalidade do aluno, indicando que apenas o aluno tem responsabilidade sobre seus atos indisciplinados. Esse cenário leva ao entendimento de que a expressão de indisciplina tem relação com fatores internos (condições de ensino, currículo, características do aluno) ou externos à escola (violência social, a influência da mídia e o ambiente familiar da criança).

Observar o panorama da indisciplina na perspectiva de compreender como os professores do 5º ano do ensino fundamental da Escola do Campo EMEIF “São Paulo” do município de Presidente Kennedy-ES a entendem evidenciou que o processo de educar fundamentado na decisão e responsabilidade expõe questões importantes que envolvem a escola, família e professores. E por mais que o professor seja o portador do poder do conhecimento e reconhecido que enquanto profissional da educação não possui o domínio e o controle total do comportamento do aluno.

Ao relacionar a compreensão dos professores com a literatura e correlacionar com as concepções teóricas destacadas nesta proposta pondera-se que no caso da indisciplina é necessário levar em conta os meios de abordagens, as metodologias de ensino, a relação com o aluno, os combinados, o tratamento diferenciado não diminui a dificuldade de entendimento da postura e comportamento rebelde, ora agressivo e, sistematicamente, indisciplinado. Para os profissionais comprometidos em ir além de apenas desempenhar seu papel, a indisciplina na escola é vista como um dos fatores que geram vários tipos de dificuldades na aprendizagem do aluno, nas atividades em sala de aula e também para a escola, a torna mais um desafio.

Ao Verificar junto aos professores quais questões vivenciadas na rotina escolar são propensas a indisciplina escolar, a pesquisa e os resultados obtidos com o Grupo Focal na verificação de como os professores lidam com a disciplina escolar, correlacionando-os com a concepções teóricas e as próprias vivências mostrou que os professores, apesar de conscientes do problema e expectativas em relação a uma solução em alguns pontos se mostram perdidos, desorientados pois não possuem autonomia para, única exclusivamente solucionar a questão sem que a escola, família e alunos estejam comprometidos em promover mudanças e rever suas posturas.

Ao verificar como professores do 5º ano do Ensino Fundamental lidam com a disciplina escolar, as narrativas mostraram que os profissionais demonstram coerência em seus conceitos formulados de indisciplina, mas centrando nos conceitos já destacados na literatura, sem inovação, mas parafraseando nos aspectos mais óbvios do tema. Mesmo assim, não se pode negar que existe uma demanda a ser assistida e que a família deve ser parceira da escola e dos professores.

Este estudo abriu um espaço de reflexão sobre questões de disciplina e indisciplina. Mas não se pode ignorar que a falta de qualidade na educação, acompanhamento da família e formação dos professores influenciam na construção e prática da indisciplina do aluno na escola. Nesse sentido, foi elaborado um ebook, em formato de cartilha sobre a indisciplina escolar em sala de aula, sem a pretensão de ser um guia didático pedagógico, mas sim uma fonte de pesquisa, com ilustrações e textos que mostram como esses profissionais entendem, trabalham o processo de ensino dos alunos com comportamento indisciplinado.

A disciplina tem a ver com respeito aos colegas e ao professor e comportamento adequado em sala de aula; indisciplina é o comportamento inadequado e contrário a regras e normas estabelecidas para a harmonia das relações sociais e escolares. A indisciplina evidencia a existência de conflito entre valores e ideologias e compromete a criança na escola e na sociedade. É bom destacar que muitas crianças chegam à escola portando indisciplina de casa e que a disciplina consiste em comportamento e atitudes adequadas na vida, escola ou na sociedade.

Diante da realidade exposta, este estudo espera:

- Contribuir para uma reflexão e análise mais profunda acerca da escola na atual conjuntura, de modo que possa permitir que os alunos se posicionem em relação a indisciplina escolar, incluindo-os no processo de discussão das práticas profissionais do professor para, assim, auxiliar e melhorar a aprendizagem dos alunos indisciplinados;

- Contribuir, a partir da literatura e dos resultados, com o aperfeiçoamento das competências profissionais e estimular a busca de ações que possibilitem construir um ambiente saudável dentro da sala de aula capaz de sustentar a boa relação pedagógica, com menos indisciplina e mais harmonia;

- Incentivar a busca de mecanismos que possibilitem à escola concretizar a educação como prática da liberdade, alcançar a autonomia e a autodisciplina.

Essa pesquisa resultou na produção de um produto educativo com o título 'Indisciplina Escolar' é composto de 25 páginas, elaborado no formato retrato. A proposta de replicar os resultados obtidos com o estudo de caso tem por objetivo mostrar a importância de professores e a família conhecerem melhor o problema da indisciplina na escola, especificamente em sala de aula e que outros docentes tenham conhecimento das possibilidades, ações e estratégias que auxiliam os profissionais da Escola do Campo EMEIEF "São Paulo" da rede municipal de Presidente Kennedy-ES a trabalhar essa questão com seus alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.M.S.D. **(In)disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar.** Ilhéus-BA: Editus, 2006.

AQUINO, J.G. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.24, n.2, jul/dez, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acesso em jan. 2021.

ANTUNES, C. Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

CHARAIM, A.M. **Família e escola: a arte de aprender para ensinar**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2009.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina**. 4. ed. Porto: Porto Editora, 2002.

FERREIRA, E; OLIVEIRA, D.A. **Crise da Escola e Políticas Educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

GATTI, M.A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GUIRADO, M. Vértices da pesquisa em Psicologia Clínica. **Revista de Psicologia**. USP. São Paulo, v.8, 1997, p.143 – 155. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100009&lng=pt&nrm=i-so. Acesso em dez. 2020.

JUSTO, J. S. (org.). **Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 23-54.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVEIRA, M.I. **A indisciplina escolar: determinações, consequências e ações**. Brasília: liber livro, 2005.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, M.A.S. **Indisciplina escolar: concepções dos professores relações com a formação docente**. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. (E. Lenardon, trad.). São Paulo São Paulo: Summus, 1994. (Trabalho original publicado em 1932)

PILETTI, C. **Didática Geral**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1990.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY. **Dados do município**. 2021. Disponível em: <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/>. Acesso em nov. 2021.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (org.) É possível superar a violência na escola? **Construindo caminhos pela formação moral**. São Paulo: Editora do Brasil, Faculdade de Educação/UNICAMP, 2012.

VASCONCELLOS, C. S. Disciplina e indisciplina na escola. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 19, n. 112, p. 5-13, jul./ago., 2013.